

A filosofia educacional dos jesuítas nas *Cartas* do Pe. José de Anchieta

César de Alencar Arnaut de Toledo* e Flávio Massami Martins Ruckstadter

Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: caatoledo@uem.br

RESUMO. Este estudo discute a filosofia educacional dos jesuítas, no contexto da própria formação cultural brasileira, utilizando para tanto, como base, as cartas escritas por José de Anchieta, conhecido como “apóstolo do Brasil”. O Pe. Anchieta fazia parte do grupo dos primeiros jesuítas que vieram para o Brasil no princípio da colonização, trazendo, além de um grande fervor missionário, a primeira educação letrada e sistematizada para estas terras. Dedicou 44 anos à obra da Companhia de Jesus no Brasil. Atuou principalmente como educador, tendo participado também da fundação do colégio da Vila de Piratininga, onde mais tarde nasceria a cidade de São Paulo. As cartas de Anchieta, que utilizamos como fonte para nossa pesquisa, além de serem documentos preciosos que relatam muito sobre a própria sociedade brasileira quinhentista, são também a primeira expressão da literatura brasileira.

Palavras-chave: José de Anchieta, Jesuítas, História da Educação Brasileira, Século XVI.

ABSTRACT. The Jesuits' educational philosophy in the Letters of Father José de Anchieta. This study discusses the Jesuits' educational philosophy, in Brazilian cultural formation, using for that, as base, the letters written by José de Anchieta, called "Apostle of Brazil". Father Anchieta was one of the first Jesuits who came to Brazil, at the beginning of the colonization, bringing, besides a great missionary fervor, the first systematized education to these lands. He dedicated 44 years to the work of Society of Jesus in Brazil. He acted mainly as an educator, having also participated of the school of *Vila de Piratininga* (*Piratininga* Village) foundation, where later it would be born the city of *São Paulo*. The letters of Anchieta, that we used as source for our research, besides being precious documents that tell us a lot about Brazilian society of the 16th century, are also the first expression of Brazilian literature.

Key words: Jose de Anchieta, Jesuits, History of Brazilian Education, 16th century.

Introdução

A Companhia de Jesus exerceu uma evidente influência na formação do pensamento moderno, principalmente por meio de seu trabalho missionário e educacional. Nas terras americanas, essa influência foi ainda maior. Constituiu-se em uma das mais importantes matrizes da organização política e social em todas regiões do continente colonizadas pelos países ibéricos. A partir de tal constatação, entendemos que estudar as diversas mudanças na formação e na articulação dos modos de pensar dos padres jesuítas que aqui atuaram pode nos possibilitar uma melhor compreensão de nossa própria formação cultural, especialmente no Brasil, onde os jesuítas deram forma à primeira educação escolar. A partir disso, buscamos, neste trabalho, discutir a filosofia educacional dos jesuítas por meio

da leitura das *Cartas* de José de Anchieta, expoente figura na história da Ordem no Brasil.

Utilizamos, neste trabalho duas compilações das *Cartas* de Anchieta. Uma delas é das Edições Loyola; essa edição faz parte das *Obras Completas* do Pe. José de Anchieta, tendo sido publicada em 1984. A outra compilação que utilizamos é uma edição da *Civilização Brasileira* de 1933, recentemente reeditada pelas editoras da Universidade de São Paulo e Itatiaia, em 1988. Podemos dizer que as duas publicações se completam, uma vez que a publicação das Edições Loyola traz não somente a correspondência ativa de José de Anchieta, mas também a sua correspondência passiva, isto é, algumas das cartas que ele recebeu. Por outro lado, a publicação da *Civilização Brasileira* traz, além das cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Pe. José. No que se refere às cartas, essencialmente, podemos dizer que a edição da

Loyola é mais completa que as outras, pois traz um número maior de cartas e ainda faz referências àquelas que foram perdidas.

José de Anchieta fez parte dos primeiros grupos de jesuítas que vieram para o Brasil os quais trouxeram a primeira educação letrada e sistematizada para estas terras.¹ E a educação formal iniciada por eles em terras brasileiras, mesmo sendo um desdobramento da cultura portuguesa em terras brasílicas, guardou significativas diferenças em relação à metrópole, mas manteve um caráter impositivo.² Anchieta é considerado, ainda, um dos fundadores da literatura brasileira. Seus textos estão entre os primeiros escritos em nossa terra. Moisés nos diz que:

José de Anchieta, mais do que qualquer outro jesuíta do tempo e dos séculos XVII e XVIII, foi senhor de autêntica vocação literária. Além disso, sua atividade intelectual, embora mesclada à catequese e ao ensino religioso, ostenta o mérito de ser pioneira no alvorecer do Brasil-Colônia. Suas obras poéticas, teatrais e em prosa, denotam sempre talento estético, cujo despertar a tarefa missionária não abafou, antes, permitiu e estimulou. Por isso, tornaram-se as primeiras, historicamente, com genuíno, ainda que relativo, interesse literário (Moisés, 1983, p.34).

Além disso, a sua obra *Arte Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, composta pouco tempo após sua chegada no Brasil, foi essencial para o trato com os índios e se tornou leitura obrigatória entre os jesuítas que aportavam nestas terras. E com o desaparecimento da cultura tupi, da qual só permaneceram alguns traços, sua gramática tornou-se uma importante fonte para o estudo dessa cultura dos índios do Brasil Colonial.

A Companhia de Jesus no tempo de Anchieta

José de Anchieta (1534-1597) nasceu em 19 de março de 1534, na ilha de Tenerife, Arquipélago das Canárias, no mesmo ano que Inácio de Loyola começava seus estudos em Paris; portanto, a Companhia de Jesus ainda não existia. Suas bases, seus alicerces, começavam a ser fundados nesse período, pois Loyola já procurava, entre os

estudantes de Paris, aqueles que o ajudariam a fundar a Ordem. A Companhia de Jesus nasceu aos poucos, isto é, não foi preconcebida; foi sendo construída de acordo com as necessidades que surgiam e se apresentavam aos primeiros companheiros. Inácio de Loyola conseguiu reunir um pequeno “exército” em torno de um ideal - o seu, de atingir a maior glória de Deus, e salvar as almas defendendo a fé católica. Selecionou, em Paris, jovens que eram promissores, aplicou-lhes os seus *Exercícios Espirituais* e, em pouco tempo, nascia uma Ordem religiosa (1540) que influenciaria sobremaneira o pensamento e a formação do mundo moderno.

A atuação da Companhia de Jesus no Mundo Moderno aconteceu de diversas maneiras. A Ordem nasceu com um ideal missionário, mas em pouco tempo a educação que não figurava entre os principais objetivos de Inácio sobressaiu-se dentre as demais atividades que os jesuítas exerciam.³ Assim, inúmeros colégios foram fundados pelos jesuítas. Esses desempenharam a função de educadores de acordo com o seu método, a *Ratio Studiorum*. Este método de ensino e organização de estudos foi a principal marca da ação jesuítica em todos os cantos do mundo. Data de 1599 a promulgação do documento chamado *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*. Sua elaboração, feita ao modo que hoje poderia ser chamado de “centralismo democrático”, envolveu toda a Ordem e, depois, constituiu-se em um dos mais importantes documentos da pedagogia moderna.⁴ Franca nos fala sobre a aplicação do método nos colégios:

Pedagogicamente, a aplicação do Ratio foi coroada, em toda a parte, de um êxito incontestável. Confessam-no todos os escritores desapaixonados, ainda os menos simpáticos aos jesuítas. E se a árvore se conhece pelos frutos, aí estão eles numerosos e sazonados, a atestar-lhe a boa seiva e fecundidade. Não só a obra educativa dos colégios da Companhia foi um dos fatores mais eficientes da contra-reforma católica, senão também que a ela se acha ligada grande parte da aristocracia intelectual dos últimos séculos (Franca, 1952, p.6).

¹ José de Anchieta veio na terceira leva de jesuítas ao Brasil. Na primeira, a saber, vieram, juntamente com o primeiro governador geral (Tomé de Sousa), o Pe. Manuel da Nóbrega, Pe. Leonardo Nunes, Pe. João de Azpilcueta Navarro, Pe. Antônio Pires e os irmãos (que ainda não haviam sido ordenados) Vicente Rodrigues e Diogo Jácome; chegaram ao Brasil em 1549. Na segunda, em 1550, vieram mais quatro jesuítas: Pe. Salvador Rodrigues, Pe. Francisco Pires, Pe. Manuel de Paiva e Pe. Afonso Brás. Em 1553, chegou ao Brasil a terceira leva de jesuítas: Pe. Luís da Grã, Pe. Brás Lourenço, Pe. Ambrósio Pires e os irmãos Gregório Serrão, João Gonçalves, Antônio Blásquez e José de Anchieta. Cf. Rodrigues, P. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus*, p. 60.

² Cf. Paiva, J. M. Educação jesuítica no Brasil Colonial. In: Lopes, E. M. T. et al. (Org.) *500 anos de educação no Brasil*. p. 43-44, 2000.

³ Além do trabalho missionário e educacional da Companhia de Jesus, os jesuítas atuaram ainda como confessores de reis e de príncipes. Podemos ler em Lacouture: *Os confessores jesuítas, fiéis ao espírito da sociedade inaciana, estavam menos propensos do que os outros clérigos a se limitar à ordem espiritual. Desde 1540, a Companhia vive “no século” e se comporta como uma instituição militante e responsável pela coisa pública. São poucos os gestos do fundador que não levam em conta os interesses coletivos “mundanos” ou terrestres. In: Lacouture, J. Os Jesuítas: 1. Os conquistadores*, p. 392, 1994. Veja-se também todo o capítulo XII - *A arte de confessar nossos reis*.

⁴ A respeito da *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, ver: Arnaut de Toledo, C. A. Razão de estudos e razão política: um estudo sobre a *Ratio Studiorum*. In: *Acta Scientiarum*, v. 22, n.1, p. 181-187, 2000.

Entre estes intelectuais saídos de colégios jesuítas citados por Franca, podemos elencar alguns, como Descartes, Montesquieu, Rousseau, Diderot, Cervantes e Antônio Vieira.⁵ Além disso, Franca cita um ponto importante, que gostaríamos de observar com alguma atenção especial: o papel da Ordem na contra-reforma. Durante o período em que a Companhia foi fundada, e mesmo desde os tempos medievais, a Igreja buscava uma reforma interna, já que o seu descrédito havia se tornado comum. Neste sentido, a Companhia de Jesus surgiu como fruto dos próprios esforços da Igreja Católica de se reformar. E, por outro lado, a Igreja já sofria também com a ameaça protestante, liderada por Lutero e Calvino. Dessa maneira, o exército inaciano representou a principal força na luta contra-reformista e, também, na própria reforma interna da instituição.

A Ordem foi primeiramente aceita e aprovada pelo papa Paulo III para um número de sessenta professores; mais tarde isto seria revogado. Em pouco tempo, os jesuítas treinaram homens capazes de desempenhar várias funções importantes, como confessar reis e príncipes, trabalhar como missionários nas terras mais longínquas e, principalmente, educar, não somente os membros da Companhia, mas também as pessoas de fora dela. Nos primeiros anos de sua existência - no período que mais nos interessa, por ser o período de vida do Pe. José de Anchieta -, os jesuítas se espalharam pelo mundo, levando o ideal de seu pai e fundador para todas as partes. Na Europa, a ação jesuítica foi essencial para a reforma da Igreja e para que esta não perdesse um número ainda maior de fiéis para o protestantismo. Não podemos nos esquecer da obra da Companhia na Ásia, para onde foi enviado um dos primeiros membros da Ordem, Francisco Xavier⁶, que mais tarde foi considerado o “apóstolo” daquela região.

A obra da Companhia de Jesus no Brasil está ligada principalmente aos interesses da Coroa Portuguesa. Os jesuítas haviam se instalado em Portugal em 1542, com o Pe. Simão Rodrigues, um dos fundadores da Ordem; aliás, foi Portugal a primeira província autônoma da Ordem. A solução que o rei D. João III encontrou para o problema gerado pelo sistema de Capitânicas Hereditárias, que não dava conta da colonização brasileira, foi a criação de um Governo Geral acompanhado de uma missão

de jesuítas, uma vez que ele já conhecia o trabalho desses homens. Podemos notar, entretanto, que não existia distinção entre fins religiosos ou políticos; tudo era organizado e estruturado para o bem da Coroa e, para os jesuítas, em especial, o fim último era a salvação das almas e a maior glória divina. Chacon nos diz que:

Não eram caminhos paralelos e sim desafios mútuos também às outras reações dos índios e incursões dos franceses, de cujas respostas surgirá o primeiro esboço fundamental da cultura brasileira (Chacon, apud Konings, 2001, p.30).

Assim, em torno de seus ideais, o trabalho dos jesuítas, e de José de Anchieta principalmente, foi decisivo na formação da cultura brasileira. Segundo o mesmo Chacon, essa influência jesuítica na formação cultural do Brasil só não foi ainda maior devido à Questão dos Ritos, tão discutida naquela época. Vejamos o que Chacon nos diz:

A marca jesuítica só não foi ainda maior no início da formação brasileira por causa da Questão dos Ritos, estendida da Índia ao Brasil desde o primeiro bispo, D. Pedro Fernandes Sardinha, tão hostil à inculturação do catolicismo nas línguas, usos e costumes indígenas, então majoritários na colônia nascente. Mesmo assim, permaneceria muita, muita coisa, e viva, da formação inaciana também no Brasil. E quem diz “jesuíta” diz também “barroco” em seu auge na igreja de Gesù, casa-mãe da Companhia de Jesus, e nas primeiras edificações religiosas católicas pelo imperium luso-tropical do Brasil à Índia de Goa e China de Macau (Chacon, apud Konings, 2001, p.43).

No final do século XVI, época em que José de Anchieta morreu, os jesuítas no Brasil totalizavam 154, espalhados por todas as capitânicas. Gómez informa que:

Pelo número e pela distribuição - tinham casas em todas as capitânicas -, os jesuítas já representavam a força mais organizada da incipiente colônia. No fim do século, seu número tinha aumentado para 154, tendo como base a fundação régia de três colégios: Salvador, Rio de Janeiro e Pernambuco. Colégio, na fundação, significava não lugar de ensino, mas dotação econômica para um número de missionários (Gómez, apud Konings, 2001, p.15).

A Companhia de Jesus, em poucos anos de existência, desde sua aprovação em 1540 pela bula papal *Regimini Militantis Ecclesiae* até o ano da morte de Anchieta, em 1597, havia se espalhado pelo mundo, levando adiante os ideais de Inácio de Loyola, que se tornaram os ideais da própria Igreja Católica nesse período tão conturbado para esta instituição. Rops, a respeito dessa expansão da Ordem, afirma que:

Assim encorajada pelos papas, considerada oficialmente como o exército espiritual de Roma, a Companhia de Jesus ia conhecer uma expansão prodigiosa, muito semelhante à que

⁵ No início do século XVII, em 1606, existiam em todo o mundo 193 colégios de jesuítas, sendo que, destes, 38 estavam na América, Índia e Japão. (Schmitz, 1994, p. 48).

⁶ No ano de 1540, antes mesmo da aprovação da Ordem, o papa Paulo III precisou dispor de um religioso que fosse responsável pela conquista espiritual da Ásia. E foi a Francisco Xavier que coube essa tarefa.

tinham tido outrora as Ordens mendicantes, e talvez mais impressionante ainda, se se pensa na severidade do recrutamento e na minuciosa formação imposta a cada um. Em 1540, os jesuítas eram 10; em 1556, no momento da morte de seu fundador, chegavam a 1000, em 101 casas repartidas por 12 províncias; quarenta anos após sua criação, seriam 5000, em 21 províncias; em 1616, 13112, com 436 casas em 37 províncias; e duzentos anos após a sua fundação, mais de 22000 (Rops, 1999, p.67).

No Reino de Portugal, os jesuítas eram também funcionários da Coroa, através do regime do Padroado.⁷ Tal regime não mencionava os missionários nem a propagação da fé em outras culturas, no entanto, era um pacto entre o Papado e a Coroa Portuguesa.

*O Padroado português compreendia os seguintes direitos e obrigações: apresentação para os benefícios eclesiásticos, incluindo os episcopais; conservação e reparação das igrejas, mosteiros e lugares pios das dioceses; dotações de todos os templos e mosteiros com objectos necessários para o culto; sustentação de eclesiásticos e seculares adstritos ao serviço religioso; construção dos edifícios necessários; deputação dos clérigos suficientes para o culto e cura das almas.*⁸

O sistema de colaboração entre Igreja e Coroa garantia a ação dos religiosos a serviço da Coroa Portuguesa. Esse foi o sistema de administração colonial que vigorou no Brasil desde a ocupação portuguesa no século XVI.

José de Anchieta

José de Anchieta foi um expoente valioso para a história da Companhia de Jesus no Brasil e também para a educação brasileira. Além disso, é considerado um dos fundadores de nossa literatura e o responsável pela primeira peça teatral escrita nestas terras. Parece-nos não haver discordância a respeito disso. Capistrano de Abreu ressalta a importância de José de Anchieta ao citar uma carta de Fernão Cardim. Nela podemos ler que:

No decurso de seu provincialato chegou ao Brasil o segundo visitador dos Jesuítas, Cristovão de Gouvêa. Com este veio Fernão Cardim que assim descreveu o Provincial em uma carta para o reino: “o padre vinha de traz, a pé, com as abas da cinta, descalço, bem cansado; é este padre um Santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma coluna grande desta província e tem feito grande cristandade e conservado um grande exemplo: de

*ordinário anda a pé, nem há retirá-lo de andar sendo muito enfermo. Enfim, sua vida é verê apostolica”.*⁹

E mais adiante, o mesmo autor fala sobre um período em que Anchieta se dedicou ao trabalho de redigir apontamentos sobre as missões, quando havia deixado o cargo de provincial. Tais apontamentos eram as notícias enviadas a Roma e a Portugal.

*Este período aproveitou em escrever apontamentos sobre as missões da Companhia e alguns dos missionários já falecidos. Conhecem-se apenas excertos, conservados em Pero Rodrigues, Simão de Vasconcelos e Antonio Franco, verdadeiramente admiráveis. Se o livro não estiver definitivamente perdido e vier algum dia à luz, será um regalo, ver-se-á que psicólogo penetrante era o apóstolo do novo mundo.*¹⁰

O pai de José de Anchieta, Juan López de Anchieta, era basco, de uma família aparentada dos Loyola.¹¹ Decidiu ir para Tenerife após o sufocamento da rebelião da qual fazia parte, como líder, contra o rei Carlos V, em 1521.¹² Nessas ilhas, conheceu D. Mência de Clavijo y Larena, uma viúva descendente de judeus convertidos ao Catolicismo, os chamados “cristãos-novos”. Casaram-se em 1531. José de Anchieta, o terceiro de dez filhos que o casal teve, nasceu em 19 de março de 1534, em São Cristóvão da Laguna.¹³ O Pe. Hélio Abranches Viotti afirma que José realizou os seus primeiros estudos em sua cidade natal, cursando provavelmente as escolas dos padres dominicanos.¹⁴

O fato de José de Anchieta ter entre seus antepassados “cristãos-novos” foi decisivo quando, da época de iniciar seus estudos, em 1548, aos 14 anos, foi enviado para Coimbra e não para Espanha, onde sua família temia uma certa perseguição. Em Coimbra, durante os estudos, Anchieta se destacou entre seus colegas de classe; mostrava facilidade para aprender, principalmente a poesia latina. É Hélio Abranches Viotti quem nos relata que:

Em Coimbra se distinguiu ele desde logo entre os melhores alunos de sua classe, possuindo grande facilidade para a

⁷ Regime que garantia ao Rei de Portugal jurisdição sobre alguns aspectos da administração eclesiástica, entre os quais, ereção de dioceses. Sua origem é medieval e caracterizou a ocupação de terras na América, África e Ásia, onde os padres realizaram grande parte das tarefas de organização e manutenção dos aparelhos do Estado Português nas colônias. Veja-se Vainfas, R. (dir.) *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*, verbete padroado, de autoria de Guilherme Pereira das Neves (p.466-467).

⁸ Oliveira, M. *História eclesiástica de Portugal*, p. 139, 1994.

⁹ Capistrano de Abreu. A obra de Anchieta no Brasil. In: José de Anchieta. *CARTAS: Informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)*, p.15, 1933.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 15.

¹¹ Os Loyola e os Anchieta tiveram um período de desavenças e guerras; este período se findou em 19 de maio de 1435, quando assinaram as pazes na Casa de Loyola. Desde então sempre foram bons amigos.

¹² O pai de José de Anchieta somente teve a chance de fugir da Espanha devido às qualidades de pacificador do Capitão Iñigo de Loyola (posteriormente, Inácio de Loyola) junto ao rei.

¹³ Além destes dez filhos, Dona Mência tinha mais dois do primeiro casamento.

¹⁴ Cf. Viotti, H. A. (S.J.). *Anchieta: O apóstolo do Brasil*, p. 28, 1980.

*poesia latina, razão pela qual lhe deram os colegas o apelido, alusivo igualmente à sua pátria, de “canário de Coimbra”.*¹⁵

E foi também em Coimbra que Anchieta entrou em contato com uma certa Ordem Religiosa fundada por um parente seu, Iñigo (Inácio) de Loyola, em 1540. Ele já tinha até mesmo feito voto de perpétua castidade quando se empolgou com os ideais missionários da Companhia de Jesus e entrou para a Ordem, a 1.º de maio de 1551.

Como noviço da Companhia, Anchieta se dedicava, na capela de seu próprio colégio, a até dez missas por dia, em jejum. Essa prática lhe rendeu um grave problema de saúde, uma tuberculose ósteo-articular, localizada na coluna vertebral, o que lhe fez parar os estudos no ano seguinte ao seu ingresso na Companhia. Sem dúvida que esse fato lhe trouxe enormes preocupações acerca de seu futuro; questionava-se com freqüência sobre uma possível demissão devido a sua doença. Entretanto, sua capacidade intelectual não permitiria que fosse demitido; foi enviado para o Brasil, de onde chegavam relatos de que os ares da terra eram ótimos para curar o tipo de doença que Anchieta apresentava. Embarcou na frota do Governador Geral D. Duarte de Costa em 8 de maio de 1553, e, após longa viagem, chegaram à Bahia, em 13 de julho de 1553. Não ficou por muito tempo na Bahia, e se dirigiu para a Capitania de São Vicente, onde começaria definitivamente o seu trabalho apostólico, que viria a consagrá-lo como o “apóstolo do Brasil”. Nessa capitania, participou da fundação da vila de São Paulo de Piratininga. Além disso, participou também da fundação do colégio dessa vila, no qual foi o primeiro mestre de humanidades, ainda sem ter sido ordenado. O seu primeiro biógrafo nos fala sobre as adversidades encontradas por Anchieta neste trabalho que desempenhou como um dos primeiros educadores destas terras:

Chegado pois o Ir. José a São Vicente logo o Pe. Nóbrega ordenou lesse gramática assim aos nossos como a muitos moços de fora, filhos dos portugueses. O que ele fez por alguns anos em Piratininga, por haver lá mais comodidade para a sustentação dos nossos, com muito proveito de todos e não com menos trabalho seu. Porque além do que o ler traz consigo, e sofrer a rudeza ou negligência dos discípulos, teve ele outros particulares, pela muita pobreza que se padecia e falta de outras achegas necessárias. Não havia artes nem livros por onde os estudantes aprendessem, pelo que lhe era a ele necessário suprir com a sua pena escrevendo-lhes, por sua mão, o necessário para suprir a falta de livros. E como todo o dia tinha bem ocupado, era forçado cortar pelo sono. E assim ordinariamente não dormia senão 3 ou 4 horas e muitas vezes

menos, e algumas noites, e não poucas, lhe aconteceu passá-las em claro escrevendo até pela manhã (Caxa, 1957, p.17).

Desempenhando o seu trabalho missionário e educacional, José de Anchieta entrou em contato com os nativos e sua língua; em apenas seis meses conseguiu redigir a *Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Esta obra facilitou o contato dos missionários com os índios e, mais tarde, tornou-se obrigatória entre os jesuítas que aportavam no Brasil. Aprender a língua era fundamental para o processo colonizador e para a conquista espiritual destas terras. Tal domínio da língua, ou das línguas faladas pelos indígenas, permitiu o acesso a sua cultura da parte dos jesuítas. Foi um componente importante da pregação jesuítica, pois reiterava uma espécie de “sacralidade” da relação jurídica entre o colonizador e os índios, em nome do Rei de Portugal e da fé católica (Hansen, *apud* Lopes, 2000, p. 36).

José de Anchieta participou ativamente como negociador de paz entre os portugueses e os tamoios, no conflito em que estes últimos se aliaram aos franceses. Ficou, inclusive, cativo entre o gentio, até que a paz fosse estabelecida. Desse episódio muito nos fala o segundo biógrafo do padre, Pero Rodrigues.¹⁶ Ocupou, ainda, cargos importantes, tendo sido a maior autoridade da Companhia na Província do Brasil, de 1577 a 1587, período em que foi Provincial.

Anchieta, no século XVI, foi uma figura de destaque, principalmente no Brasil; no século seguinte a sua morte, seus feitos se tornaram conhecidos não somente na colônia, mas também por toda a Europa.¹⁷ Mas quais os fatores que poderíamos elencar para a fama desse jesuíta? Sua formação, sua dedicação à obra da Companhia de Jesus e sobretudo sua alta capacidade intelectual. Tudo isso, sem dúvida, permitiu-lhe tomar as decisões corretas no momento correto, isto é, Anchieta soube enfrentar as adversidades da terra e do gentio e tirar-lhes o maior proveito, ainda que o maior proveito não fosse o ideal. Seus esforços se enquadram perfeitamente dentro do plano jesuíta e também do plano português de colonização para o Brasil.

A filosofia educacional da Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus nasceu como Ordem missionária. Entre os primeiros companheiros

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 29.

¹⁶ Cf. Rodrigues, P. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus*. Especialmente os capítulos sétimo, oitavo e nono do livro primeiro.

¹⁷ As primeiras biografias de José de Anchieta são de Quirício Caxa, escrita em 1598, e de Pero Rodrigues, escrita entre 1605 e 1609. Elas serviram de fundamento para todas as outras que foram escritas posteriormente e que propagaram os feitos do padre pela Europa (Caxa e Rodrigues, 1988).

podemos, inclusive, notar um ideal medieval, de reconquista da Terra Santa.¹⁸ Entretanto, os estudos sempre tiveram grande destaque na Ordem. Sempre foi exigido dos jesuítas grande empenho nos estudos, e nos Colégios pertencentes à Ordem havia grande exigência em relação aos alunos. Foram escolas que se tornaram modelos para a educação. O próprio Inácio de Loyola não nega essa preocupação; em sua *Autobiografia* podemos ler:

*Depois que o peregrino entendeu ser vontade de Deus não continuar em Jerusalém, veio sempre pensando consigo que faria. Por fim se inclinava mais a estudar algum tempo para ajudar as almas, e determinava ir a Barcelona.*¹⁹

Os primeiros pilares da Companhia foram selecionados enquanto Inácio estudava em Paris. Desde então, a formação de um jesuíta adquiriu uma importância vital. A partir dela, a Ordem conheceu uma rápida expansão e grande sucesso em sua obra. Apesar disso, entretanto, os jesuítas não tinham inicialmente o interesse na educação. Mas certamente perceberam que o caminho pedagógico renderia muitos frutos. Os colégios da Companhia que se proliferaram por todo o mundo tornaram-se centros de excelência, formando não somente novos missionários (padres), mas também novos cristãos, com uma nova concepção de mundo, de religião e de fé.

Desde os Tempos Medievais, a Igreja Católica buscava uma reforma interna. A instituição definhava em alguns setores e agonizava em outros. O descrédito tinha se tornado algo corriqueiro entre os seus próprios fiéis. A fundação das Ordens Mendicantes (Franciscanos e Dominicanos), no século XII, representou um esboço de resposta aos problemas pelos quais a Igreja passava. Entretanto, somente nos Tempos Modernos é que essa reforma, que traçara suas primeiras linhas na época Medieval, aconteceu de fato. A ameaça protestante desencadeou um processo de reforma interna da Igreja, processo este liderado pelos jesuítas, especialmente nas *Missões* e na Educação. Eles eram, devido a sua formação rígida e sólida, os mais indicados para encabeçarem essa reforma, da qual a Igreja tanto necessitava, para que não perdesse um número ainda maior de fiéis. Além disso, nessa época os horizontes se expandiram e a catequização dos novos súditos se tornou obrigação dos reis, que também viram nos jesuítas a solução para seus problemas.

O que garantiu aos jesuítas o seu sucesso na obra reformista da Igreja foi justamente a sua obra educacional. Esta última foi garantida principalmente pela sólida formação de seus membros, aliada ao seu entendimento, isto é, a sua concepção de educação e de formação do homem.²⁰ Essa filosofia é notada no fundador da Ordem, Inácio de Loyola, nos seus *Exercícios Espirituais*. Schmitz nos informa que

Neles aparece o homem, colocado perante decisões e opções pessoais e responsabilidade social, sempre dentro de uma visão de escolha da vontade de Deus e de coerência entre a compreensão, as decisões e as ações da vida, numa perfeita responsabilidade pessoal e social (Schmitz, 1994, p.17).

Assim, a educação dos jesuítas visava formar homens livres, capazes de pensar e de discernir sempre a serviço de Deus e de seu próximo. Inácio de Loyola concebia o homem em sua totalidade (corpo e alma), um elemento completando o outro, sem existir a contraposição entre esses elementos. Para Schmitz, a eterna discussão entre materialismo e espiritualismo recebeu do fundador da Ordem um novo tratamento. A Companhia de Jesus, por meio de sua educação, tinha o claro propósito de formar homens bem preparados para uma vida social ativa; nessa formação, o modelo utilizado era Jesus Cristo. Percebe-se, dessa forma, a idéia fundamental que motivava o ensino nas instituições jesuítas, buscando o desenvolvimento pleno do ser, tanto espiritual quanto materialmente. A filosofia educacional da Companhia de Jesus pode ser compreendida primeiramente a partir da *Ratio Studiorum* e, depois, mas não menos importante, pelas cartas escritas tanto pelo fundador (quase 7000) quanto pelos membros da Ordem. Escrever cartas era uma das precípuas obrigações de um jesuíta.²¹ A institucionalização de tal prática permitiu a constituição de um conjunto monumental de fontes que permite aos pesquisadores, hoje, conhecer não só o cotidiano e o modo de pensar dos jesuítas dos séculos XVI, XVII e XVIII, mas também aquela própria história coeva. Nas cartas, temos descrições, ensinamentos, solicitações, conteúdos catequéticos, estilo literário em formação, enfim, um panorama interessante da época e do modo de pensar.²² Sendo

¹⁸ Quando Inácio de Loyola e os primeiros companheiros se uniram, sua vontade inicial era ir para Jerusalém pregar entre os infiéis.

¹⁹ Inácio de Loyola (Santo). *Autobiografia*, p.58, 1997a.

²⁰ Diferentemente de religiosos de outras Ordens, os primeiros jesuítas, os dez pilares da Companhia de Jesus, foram selecionados por Inácio de Loyola enquanto estudavam na Universidade de Paris. Isso, certamente, forneceu-lhes uma boa idéia da importância dos estudos; em outras palavras, da boa formação.

²¹ Cf. Inácio de Loyola (Santo). *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*, § 673 e 674, 1997b.

²² Veja-se Torres-Londoño, F. *Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI*. In: *Revista Brasileira de História*, p. 11-32, 2002. Neste texto o autor tipifica assim as cartas jesuítas: edificantes e informativas (p. 12).

assim, ganham força os estudos que enfoquem não só o conteúdo explícito, mas também as representações e o estilo. Torres-Londoño, ao discutir o tema da epistolografia, afirma

*Acredito que este sistema de informações atuava como suporte para um sistema de decisões nitidamente iniciano: hierárquico e vertical. Informar a partir da base nas cartas periódicas. Reunir registros e intercambiar opiniões à procura de uma decisão. Comunicar por escrito a decisão a partir do governo geral. Acatar e executar a decisão nas instâncias. Embora fosse possível representar, em várias ocasiões, a obediência, particularmente o entendimento desta deveria se impor.*²³

Base da autoridade e fonte de informações. Essa estruturação do funcionamento do sistema de informações garantiu, em grande parte, a eficácia e a expansão da Companhia de Jesus pelo mundo. Tratava-se de uma inédita e difícil combinação em uma Ordem Religiosa e foi, sem dúvida, uma das chaves para o sucesso dos jesuítas.

Foram as cartas vindas do Oriente para a Europa especialmente as que foram escritas por Francisco Xavier - que despertaram o interesse dos europeus pela Índia, China e Japão no século XVI.²⁴ E também,

*Em cartas ou relatórios o jesuíta se comunicava com os seus superiores distantes informando, consultando, opinando, discordando, assinalando sua disposição a obedecer. Era também por cartas que o governo geral, os provinciais, os reitores de colégios transmitiam suas decisões, envios e destinos aos súditos que se encontravam longe.*²⁵

A rede de comunicação dos jesuítas possuía uma eficácia de grande alcance e mantinha os membros da Ordem atualizados e com um “discurso bem afinado” com a ortodoxia católica. E essa foi também uma grande “marca” da Companhia de Jesus.

A preocupação com a educação e a formação já podia ser constatada desde o estabelecimento de rígidas e claras regras para o ingresso na Ordem. Tal expediente se refletia depois no papel desempenhado pelo religioso em sua ação catequético-missionária. Nas *Constituições da Companhia de Jesus*, em sua Quarta Parte - *Como instruir nas Letras e em outros meios de ajudar o próximo os que permanecem na Companhia* - podemos perceber os princípios da educação jesuítica que Inácio de Loyola tinha em mente. No texto, fica explícito o tipo de homem que a educação dos jesuítas pretendia formar. A Companhia deveria, segundo o texto, “admitir jovens que, pela sua vida edificante e pelos seus talentos, dêem esperança de vir a ser homens, ao

mesmo tempo virtuosos e sábios, para cultivar a vinha de Cristo Nosso Senhor.”²⁶ Note-se que a preferência dos jesuítas é pela educação de jovens que ainda não estariam corrompidos por más influências mundanas. A idade ideal para admissão deveria ser de quatorze anos. Apesar disso, sempre cabia ao Superior Geral o direito de admitir ou não, de acordo com a sua avaliação sobre o potencial do candidato a membro²⁷. Esse princípio também foi perseguido pelos padres jesuítas no Brasil Colonial. Nas *Cartas* do Pe. José de Anchieta, percebe-se essa preferência pela educação de jovens. Em suas *Cartas* também podemos buscar compreender a gênese da cultura brasileira, em um sentido geral. Ademais, informações preciosas sobre tribos já extintas podem ser lá encontradas. Dados sobre o modo de vida dos padres, dos colonos e dos índios, idem. Vejamos:

*Estamos, como lhes escrevi, nesta Aldeia de Piratininga, onde temos uma grande escola de meninos, filhos de índios, ensinados já a ler e escrever, e aborrecem muito os costumes de seus pais, e alguns sabem ajudar a cantar a missa. Estes são nossa alegria e consolação, porque seus pais não são muito domáveis, posto que sejam muito diferentes dos das outras aldeias, porque já não matam nem comem contrários, nem bebem como dantes.*²⁸

Em outra carta, escrevendo para Santo Inácio de Loyola, Anchieta reafirmava que o principal fundamento estaria na doutrina das crianças, já que elas sucederiam seus pais e acabariam formando um povo cristão-católico. A preocupação com a educação das crianças foi também uma importante marca da pedagogia jesuítica e influenciou decisivamente a educação moderna.²⁹

*Visto o que, nosso principal fundamento está na doutrina das crianças, às quais lhes ensino a ler, escrever e cantar. A estes trabalhamos por ter debaixo de nossa mão, para que depois venham a suceder no lugar de seus pais, formando um povo de Deus.*³⁰

Outro ponto que merece destaque é o fato de que qualquer tarefa realizada por um jesuíta tinha um pano de fundo, que era o ideal máximo da

²³ Idem, p. 15.

²⁴ Idem, ibidem, p.20.

²⁵ Idem, ibidem, p.21.

²⁶ Inácio de Loyola (Santo). *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*, § 308, 1997b.

²⁷ Cf. Inácio de Loyola (Santo). *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*, § 160 e §162, 1997b.

²⁸ José de Anchieta. *Cartas: Correspondência ativa e passiva*. Carta n.º 3, § 2, 1984.

²⁹ Cambi aponta a importância do método pedagógico dos jesuítas na formação da educação moderna. Diz que este e outros métodos “fixavam um programa minucioso de estudo e de comportamento, o qual tinha ao centro a disciplina, o internato e as ‘classes de idade’, além da graduação do ensino/aprendizagem” (Cambi, 1999, p.205). Além disso, o autor ainda diz que a educação da juventude adquiriu um papel central na pedagogia moderna.

³⁰ José de Anchieta. *Cartas: Correspondência ativa e passiva*. Carta n.º 4, § 3, 1984.

Companhia de Jesus: a maior glória de Deus.³¹ Nos *Exercícios Espirituais*, de Santo Inácio de Loyola, o fundador da Ordem deixava muito claro qual era o propósito da criação humana:

*O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor, e assim salvar a sua alma. E as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a alcançar o fim para que é criado.*³²

Neste sentido, podemos compreender o seguinte trecho de carta do Pe. Anchieta:

*Cada um procure cumprir o que prometeu a Deus. E não espere que outrem o salve.³³ Será dos outros o que for. Trabalhem os de chegar. Deus que vos esforce para irdes sempre por diante, até chegar ao fim da jornada, que é a sua glória.*³⁴

E, ainda, este outro:

*Fazei de conta que estais só neste colégio, para procurar vossa salvação. Seja dos outros o que for, salvai-vos a vós e vos basta, contanto que tenhais em vosso peito amor e reverência aos irmãos, tendo-os todos na conta de santos.*³⁵

Na Quarta Parte das *Constituições*, podemos perceber que a educação jesuítica não se destinava somente a pessoas com poder aquisitivo, ou seja, não existia, aparentemente, qualquer tipo de discriminação. Isso também pode ser notado nas cartas de Anchieta. Em carta ao Superior Geral da Companhia, Diogo Laínez, lê-se:

*Acudimos a todo gênero de pessoas, português e brasil, servo e livre, assim nas coisas espirituais, como nas corporais, curando-os e sangrando-os, porque não há outros que o façam e principalmente as sangrias são aqui muito necessárias (...). E se não acudíssemos com sangrias, não se duvida muitos pereceriam. E assim com isto temos melhor entrada com eles, para lhes dar a entender o que toca à salvação de suas almas.*³⁶

Em especial, notamos a preocupação com a salvação das almas de qualquer gênero de pessoa - português, brasil, servo, livre - mas também percebemos a responsabilidade pessoal, pois Anchieta dizia que era preciso *lhes dar a entender o que toca à salvação de suas almas*. Por outro lado, podemos também observar que o propósito de conversão e de salvação de almas não é, em nenhum momento, oposto ao projeto colonizador da Coroa Portuguesa.

Só um cristão (católico) poderia ser um bom súdito do Rei de Portugal. Na mesma carta, notamos uma certa desilusão referente à conversão dos índios: *E esta achamos que é a mais saudável pregação, que podemos fazer, trabalhar em chorar nossos pecados e os seus, pedindo a Deus misericórdia.*³⁷ Podemos, ainda, notar em outras cartas, semelhante desilusão:

*Há tão poucas coisas dignas de se escreverem, que não sei o que escreva, porque se espera V. Paternidade que haja muitos dos brasis convertidos, enganarse-á sua esperança. Porque os adultos, aos quais o mau costume de seus pais quase se converteu em natureza, cerram os ouvidos para não ouvir a palavra de salvação e converter-se ao verdadeiro culto de Deus...*³⁸

*Detive-me em contar os que morrem, porque fruto verdadeiro se há de julgar o que permanece até o fim. Porque dos vivos não ousarei contar nada, mesmo se o houver, que, por ser tamanha a inconstância em muitos, ninguém pode nem deve prometer deles coisa, que haja de durar...*³⁹

*É chegada esta terra a tal estado que já não devem esperar dela novas de fruto na conversão da gentialidade. Havendo pois essa falta, parece conseqüente superabundarem as tribulações que se passam, com esperança de poder colher algum, que se guarde nos celeiros do Senhor...*⁴⁰

Apesar das desilusões, em outra carta, enviada ao Superior Geral Diogo Laínez, Anchieta diz que sempre se tira algum proveito:

*Têm-se prosseguido sempre os sólitos ministérios nossos de doutrinas e confissões com os índios e escravos, assim em Piratininga como em outras partes, segundo as necessidades ocorrentes, de que sempre se colhe algum fruto.*⁴¹

Uma das marcas não somente da pedagogia jesuítica, mas também da própria Companhia de Jesus, a questão da obediência, foi observada por José de Anchieta em algumas de suas cartas. Para ele, a obediência era uma língua muito entendida por Deus. Vejamos:

*Já me ia esquecendo de escrever-vos em castelhano, mas pouco importa a língua. O negócio está em agir e ser bom e não saber outra língua, senão a que sabe a obediência. Porque esta é muito entendida por Deus e própria língua sua. E assim, onde falta a obediência, está de sobra falar muito com Deus, pois não entende aquele que, sem ela e fora dela, lhe fala.*⁴²

Em outra carta, encaminhada ao então Superior Geral dos jesuítas, Cláudio Acquaviva, o Pe. José

³¹ Sobre os ideais da Companhia de Jesus no momento de fundação da Ordem, veja-se Arnaut de Toledo. C. A.; Ruckstadter, F. M. M. Estrutura e organização das *Constituições* dos jesuítas (1539-1540). In: *Acta Scientiarum*, v. 24, n.1, p.103-113, 2002.

³² Inácio de Loyola (Santo). *Exercícios Espirituais*, p. 28, 1997c.

³³ Note-se a responsabilidade pessoal.

³⁴ José de Anchieta. *Cartas*: Correspondência ativa e passiva. Carta n.º 35, § 2, 1994.

³⁵ Idem, Carta n.º 46, § 3.

³⁶ Idem, Carta n.º 14, § 5.

³⁷ Idem, Carta n.º 14, § 7.

³⁸ Idem, Carta n.º 12, § 2.

³⁹ Idem, Carta n.º 12, § 6.

⁴⁰ Idem, Carta n.º 17, § 1.

⁴¹ Idem, Carta n.º 16, § 11.

⁴² Idem, Carta n.º 48, § 1.

dizia a respeito de sua própria obediência, já nos últimos anos de sua vida:

*Eu, embora velho e mal disposto, desenganado estou que não terei descanso nesta peregrinação; resolvido estou de me dar todo aos superiores, que me revolvam como quiserem para serviço de Deus e dos Nossos...*⁴³

Considerações finais

A obra educacional dos padres da Companhia de Jesus marcou decisivamente a educação moderna. A sólida filosofia educacional - forjada ao modo inaciano - aliada ao rígido método de ensino empregado nas escolas da Ordem - a *Ratio Studiorum* - garantiram aos jesuítas um êxito incontestável até mesmo por seus críticos. É neste sentido que deve ser compreendida a formação cultural do Brasil, na qual os padres da Companhia desempenharam funções importantes. Foram eles os responsáveis pela primeira educação escolar. José de Anchieta, em especial, o dito "apóstolo do Brasil" é uma figura de destaque em nossa história, já que foi um dos responsáveis pela organização da educação no Brasil-Colônia. Sua correspondência nos permite perceber como a formação de um jesuíta lhe fornecia as bases para desempenhar qualquer trabalho em prol do bem da cristandade católica. Há uma grande coerência interna em seus escritos, ainda que em alguns momentos Anchieta se mostrasse um pouco desiludido com o trabalho missionário e educacional, em virtude das dificuldades apresentadas pelos índios no que se refere a sua conversão e catequização. Mesmo assim, o jesuíta mostrava-se pronto para realizar suas tarefas em prol da Igreja Católica e de acordo com o plano da Coroa Portuguesa para o Brasil.

Referências

- ARNAUT DE TOLEDO, C. A. Razão de estudos e razão política: um estudo sobre a *Ratio Studiorum*. *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 22, n. 1, p. 181-187, 2000.
- ARNAUT DE TOLEDO, C. A.; RUCKSTADTER, F. M. M. Estrutura e organização das *Constituições* dos jesuítas (1539-1540). *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 24, n. 1, p. 103-113, 2002.
- CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CAXA, Q. *Vida e Morte do Padre José de Anchieta*. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura, Cultural Vida, 1957.

CAXA, Q.; RODRIGUES, P. *Primeiras Biografias de José de Anchieta*. Obras Completas, 13.º volume. São Paulo: Loyola, 1988.

CHACON, V. O plano jesuíta para o Brasil. In: KONINGS, J. (Org.). *Anchieta e Vieira, paradigmas da Evangelização no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 29-52.

FRANCA, L. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

GÓMEZ, L.P. (S.J.). Anchieta e evangelização. In: KONINGS, J. (Org.). *Anchieta e Vieira, paradigmas da Evangelização no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 9-28.

HANSEN, J. A. A civilização pela palavra. In: LOPES, E. M. T. et al. (Org.) *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.19-41.

INÁCIO DE LOYOLA (Santo). *Autobiografia de Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1997a.

INÁCIO DE LOYOLA (Santo). *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*. São Paulo: Loyola, 1997b.

INÁCIO DE LOYOLA (Santo). *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 1997c.

JOSÉ DE ANCHIETA. *Cartas*: Correspondência ativa e passiva. Obras Completas, 6.º volume. Pesquisa, Introdução e Notas do Pe. Hélio Abranches Viotti. São Paulo: Loyola, 1984.

JOSÉ DE ANCHIETA. *Cartas*: Informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

LACOUTURE, J. *Os Jesuítas*: 1. Os conquistadores. Porto Alegre: L&PM, 1994.

MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira*. Volume I: origens, barroco, arcadismo. São Paulo: Cultrix, 1983.

OLIVEIRA, M. *História Eclesiástica de Portugal*. Edição revista e atualizada. Lisboa: Europa-América, 1994.

PAIVA, J. M. Educação jesuíta no Brasil colonial. In: LOPES, E. M. T. et al. (Org.), *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 43-59.

ROPS, D. *A Igreja da Renascença e da Reforma*: II. A Reforma Católica. São Paulo: Quadrante, 1999.

SCHMITZ, E. *Os jesuítas e a educação*: a Filosofia Educacional da Companhia de Jesus. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

TORRES-LONDOÑO, F. *Escrevendo cartas*: Jesuítas, escrita e missão no século XVI. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002.

VAINFAS, R. (Dir.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VIOTTI, H. A. (S.J.). *Anchieta*: o apóstolo do Brasil. São Paulo: Loyola, 1980.

Received on March 13, 2003.

Accepted on December 12, 2003.

⁴³ Idem, Carta n.º 53, § 6.